

## Discutindo a produção de identidades e diferenças

*José Heredia Moreno*  
*Márcia Ondina Vieira Ferreira\**

---

### **Resumo:**

Trata-se de dois artigos que abordam os processos pelos quais os indivíduos assumem suas identidades, com ênfase na questão étnico-cultural. No primeiro deles, José Heredia Moreno desenvolve, de forma autobiográfica, seu processo de aquisição de identidade; no caso, a identidade cigana. No segundo, Márcia Ondina Vieira Ferreira, à luz da narrativa de José Heredia, busca evocar conceitos que permitam o acompanhamento teórico da discussão a respeito da produção de identidades e diferenças, bem como das particularidades da cultura cigana em sua interação com as culturas circundantes. Em ambos os textos, a escola é apresentada como um dos locais onde ocorre a produção das diferenças e a consolidação das identidades. A linguagem é considerada elemento construtor da realidade, ao nomear como as coisas são/deveriam ser, de acordo com o ponto de vista de quem a emite. Na linguagem estão presentes, também, os estereótipos utilizados pelos racistas, com a finalidade de justificar situações de perseguição física e/ou moral de determinados grupos.

**Palavras-Chave:** identidades e diferenças; escola e diversidades culturais; preconceitos e racismo

### **Abstract:**

This work concerns two articles that analyze the processes through which individuals assume their identities, emphasizing the ethnic-cultural aspect. In the first one, José Heredia Moreno develops, autobiographically, his own process of acquisition of identity; in this case, his identity as a gypsy. In the second one, Márcia Ondina Vieira Ferreira, having in mind José Heredia's narrative, evokes concepts that will allow the theoretical development of the discussion about both the production of identities and differences and the particularities of the gypsy culture and its interactions with the surrounding cultures. Both texts present school as being one of the places where the production of differences and identities consolidation occur. Language is considered a constructor element of reality, as it designates how things are / should be, from the point of view of who says something. Stereotypes used by racists are also present in the language, being used to justify the physical and / or moral harassment situations imposed on some groups.

**Key-words:** identities and differences; school and cultural diversity; prejudice and racism

---

\* Faculdade de Educação - Universidade Federal de Pelotas  
E-mail: marciaof@ufpel.tche.br

## 1. Experiência: para quê?<sup>1</sup>

*José Heredia Moreno*

Duas advertências prévias. A primeira, de método: quis contar minha experiência do jeito que recordo tê-la vivido. A análise sociológica ou antropológica permite dissecar os fenômenos sociais por meio de conceitos precisos como bisturis. Entretanto, há um âmbito no qual as ciências sociais acham difícil, quando não improcedente, adentrar-se. A ciência, desde a Ilustração, tem pretendido criar o conhecimento do nada, fazer *tabula rasa* e apartar-se das paixões, primeira premissa de um pensamento que pretenda ser universal. A experiência vivida, vívida, pessoal, na qual a semântica se esfuma; a experiência cotidiana, intransferível e irrefutável de um indivíduo mediu-se com o parâmetro do geral ou do normalizado, limitando seu papel à confirmação ou à exceção a uma regra. As vivências, sua autêntica autoridade e jurisdição sobre os indivíduos, já se disse, eram coisas da literatura, da filosofia ou, ainda pior, do poder que se apropria dos fatos.

Pois bem, vocês terão de perdoar-me porque vou fazer literatura. Pouco posso contribuir com os legitimados estudos que legitimados autores levam toda a vida realizando. Mas o que na verdade posso é iluminar esse ângulo morto que para a ciência constitui a experiência de uma pessoa, essa verdade parcial que sempre busca contrastar-se, nesse caso, minha experiência como Cigano<sup>2</sup>. Creio, com a tibia fé que oferece uma curta experiência, que nós, Ciganos, necessitamos comunicar e contrastar nossas experiências, como uma forma de exorcizá-las das penúrias que nos possam haver ocasionado, e repetirei esta idéia depois para que não escape do escrutínio público.

Portanto, não encontrarão aqui um trabalho exaustivo de análise social, e sim uma viagem de introspecção retroativa, uma genealogia pessoal, quiçá desconexa como a própria memória, mas autenticada pela cartografia do sentimento. Esta determinação vem dada pela forma em que se é Cigano, como um arranhão na alma do qual a razão, nenhuma razão estruturada, pode dar conta totalmente. Espero que possam perdoar, então, o

---

<sup>1</sup> Este texto foi retirado do *Boletín Interface*, Paris, n. 35, p. 15-19, ago. 1999. O *Boletín Interface* é uma publicação do Centro de Pesquisas Ciganas da Universidade René Descartes, Paris, com ajuda da Comissão Européia, e permite a reprodução de seus textos, desde que se mencione a fonte e que não sejam utilizados com fins comerciais. Por sua vez, o texto foi apresentado por seu autor, um jovem cigano da cidade de Granada, na Espanha, em um seminário organizado pela *Asociación Nacional Presencia Gitana*, dentro do Projeto EURROM (*La integración de la cultura romaní en la educación escolar y extraescolar*), subvencionado pelo programa Sócrates/Comenius da Comissão Européia. Tradução do original espanhol por Márcia Ondina Vieira Ferreira e Alfredo Alejandro Gugliano. Agradecemos a colaboração de Ana Ruth Miranda.

<sup>2</sup> N.T.: o autor utiliza a palavra *Gitano* sempre em maiúsculas.

caos da exposição, caótica como a própria memória que a sustenta, mas espero, ainda mais, não cair num exercício gratuito de narcisismo, risco que corre toda autobiografia.

A segunda advertência é a seguinte: minha vida se distancia muito daquela que é retratada pelo estereótipo sobre o Cigano. Sou um dos milhares de casos que fazem desse estereótipo, de qualquer estereótipo, uma injustiça. Não tenho a cútis especialmente morena, tenho o nariz pequeno e achatado e valorizo a comodidade de usar o cabelo curto. Nasci e sempre vivi em Granada, no seio de uma família com uma situação econômica e social mais que aceitável. Meus pais são professores universitários; e meu pai é, além disso, escritor, dramaturgo, articulista ... . Em minha casa sempre se recebeu ao mais ilustre da cultura e da sociedade do país, manejaram-se livros e conceitos com autêntica veneração, num ambiente de livre-pensar, reciclado devedor daqueles movimentos que, quiméricos ou não, aspiravam a uma nova dignidade para o gênero humano. Se digo isto é para não defraudar a ninguém: jamais sofri a escassez, minha história não é desgarradora e sangrenta, e por isso mesmo posso rejeitar o difundido argumento de que o único problema do Cigano deriva somente do fato dele ser pobre.

Por outro lado, sou mestiço. Meu pai é Cigano e minha mãe não (ambos tiveram o valor, a valentia de casar-se num momento em que um casamento misto podia trazer muitos inconvenientes). Perdoem-me a soberba, mas considero-me a vanguarda do mundo mestiço que ainda está por vir.

### ***Minha experiência ou como expressar o inefável em vinte minutos***

Vou concretizar, verbalizar minha experiência como Cigano desentranhando algumas poucas das múltiplas manifestações semânticas nas quais me apareceu o termo “Cigano” em diferentes contextos, e como esta palavra acabou sendo parte importante de minha visão de mim mesmo e de meus modos de interpretar o mundo.

A primeira recordação que guardo da existência da palavra Cigano já é muito remota. Meu avô, a quem é preciso admirar mais a cada dia, perguntava-me quando eu tinha quatro ou cinco anos:

— “Tu és Cigano ou *payo*<sup>3</sup>?”

---

<sup>3</sup> N.T.: a expressão *payo* é utilizada pelos ciganos espanhóis para referirem-se aos não-ciganos. Não obstante, no contexto de uma conversação sobre a questão étnica, na Espanha, o termo já é de uso corrente. No Brasil, o dicionário nos apresenta a palavra *gadje* como sinônimo de *payo*, mas manteremos a palavra *payo* em seu original, inclusive porque mais adiante o autor utiliza um derivado, *apayao*, ou *apayado*, que indicaria o indivíduo cigano que teria sofrido o processo de assimilação da cultura majoritária, não-cigana.

Pelo ambiente que se respirava sabia como responder com a certeza de haver acertado; com o peito inchado de orgulho, respondia:

— “Eu, Cigano!”

A semântica de uma criança carece de uma maior especialização e “Cigano” era um termo sem implicações: no que poderia consistir ser Cigano? Quem, entre as pessoas que conhecia, poderia ser Cigano? Como se reconhecia que alguém era Cigano? Eu, simplesmente, seguia o passo do avô num jogo no qual os dois éramos cúmplices, e me conformava em vê-lo rir com amorosa ternura.

Ainda que já tivesse me dado conta de que toda minha família paterna era Cigana, o termo quase nada me significava: ainda não tinha a consciência do “outro”, não havia ainda contraste com o “não-Cigano”.

Certa ocasião uma tia, preocupada, repreendeu o avô pela inocente ostentação de *ciganeidade*<sup>4</sup>:

— “Deixa o menino em paz, homem, e não lhe diga essas coisas de Ciganos. Pepito, não faz caso do avô”.

Minha tia parecia albergar a pretensão de eliminar a palavra do dicionário em uso.

O avô protestava:

— “Mas se o menino é Cigano, por que não deve saber disso? É algo mau? Não és, tu mesma, uma Cigana?”

Aquela altura não estava eu em condições de desentranhar o fundo da discussão, o qual me parece, agora, um pouco mais claro. O tom de minha tia ao dizer aquilo enchia-me de perplexidade: seria algo que merecesse ocultar? Eu unicamente percebi, sem dúvida alguma, que ser Cigano trazia uma controvérsia. Acostumado como um menino aos mistérios, este era um a mais entre tantos. De mais a mais, eu não via a necessidade de fazer ostentação identitária, afinal, não sabia por quê era Cigano.

O colégio *Padres Píos Escolapios* daria uma volta essencial na minha experiência. Eu vivia numa urbanização de classe média-alta, e o colégio adequava-se a esse espírito: todos os meninos com guarda-pós com mil listas celestes até os tornozelos. Uma manhã, na primeira ou segunda série da extinta EGB<sup>5</sup>, num descanso, desesperado por uma urgência fisiológica, disse a meus colegas:

— “Estou me cagando, vou ao banheiro cagar”.

<sup>4</sup> N.T.: tradução livre de *gitaneidad*. Para uma idéia mais clara a respeito, o leitor deveria dirigir-se ao estudo do termo *etnicidade*. Veja-se, por exemplo: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

<sup>5</sup> N.T.: *Enseñanza General Básica*, correspondente ao nosso Ensino Fundamental; chamada, após a reforma educacional espanhola de 1990 (*LOGSE - Ley de Ordenación General del Sistema Educativo*), de *Educación Primaria*.

Um colega com sobrancelhas muito próximas e mal encarado mudou de expressão e soltou uma consigna que deveria provir de sua casa:

— “Disse cagar, e isso só dizem os Ciganos. Cigano!” – Acusou-me.

Aquele colega tinha me acusado de Cigano, e o pior é que era certo. Por pura casualidade me haviam descoberto. Deram um passo atrás e esboçaram ora um gesto de apreensão, ora uma careta de surpresa; em seguida senti a rejeição. Desprovido de espírito crítico, com seis ou sete anos eu não refletia, simplesmente assumia o que me ocorria. Desta forma intuí que era culpado de minha mera existência. Essa inefável vergonha ontológica que aprendi no colégio, essa sensação de pestilento, forneceu um conteúdo poderoso ao jogo de cumplicidade que eu mantinha com meu avô: o Cigano era aquele lugar onde essa vergonha não existia, onde se podia ser a gente mesmo e não alguém humilhado, onde se estabelecia uma amizade que era mais fraterna porque se baseava numa experiência comum de rejeição. O orgulho íntimo era a possibilidade de conservar uma saúde mental comprometida por uma vida defensiva, na contramão.

Ser Cigano converteu-se num paradoxo: quando estava em casa significava o reconfortante amor de uma extensa família, a proteção e a aceitação apesar de tudo. Sair ao “mundo exterior” era uma prova de exílio na jaula dos leões. Na jaula pode-se entrar a chicotadas, como o domador; eu preferia passar desapercibido, caso os leões não se dessem conta de que perambulava por ali. Da escola recorro a mesma terrível solidão da qual fala Ricardo Borrull.

Esse tipo de acontecimentos, que se repetem constantemente, exercem um poder que nenhum de vocês ignorará. Cada vez que me ocorre algo disso eu assino e renovo um contrato de alteridade com os “senhores” que me desprezam. Esse compromisso com o exílio, que adotei por ser Cigano, num macabro círculo vicioso, inspira uma desconfiança visceral por parte de muitos.

Com o tempo fui aprendendo os predicados habituais da palavra Cigano, que não fará falta enumerar, pois todos conhecem o conteúdo do preconceito. Os escutava com impotência e ressentimento, mas nunca respondi: a vexação me deixa “a voz abortada na garganta”, como diz um verso de meu pai. Meus pais conseguiram conservar-me a cordura, louvados sejam por seu bom senso: souberam inculcar-me que o respeito por mim mesmo devia ser em grande medida independente do apreço do ambiente (creio que isso é essencial para qualquer Cigano, nisto consiste a solidão do Cigano na escola). Também ensinaram-me que ser Cigano nos obriga a desenvolver habilidades especiais, a dar um tanto mais de nós, a cada um, cada Cigano, segundo sua experiência.

Tive um professor que, com atlética diligência, praticava o cascudo, o puxão de orelhas e outras modalidades utilizando-me como “sparring”. Não ignorava o motivo. Fez-me albergar a suspeita de que “Cigano” e “vida digna” eram termos antitéticos, e na solidão das aulas povoadas de moleques uniformizados crescia em mim uma dignidade, um orgulho que se alimentava de uma resistência mais que passiva, impotente: a resistência de não deixar-se destruir o juízo, exercida solitariamente, suspenso no ar, a mão do professor puxando de minhas suíças.

Não ia bem em nada, acreditava-me incapaz de aprender a tabuada de multiplicar, dividir ficava fora de minhas possibilidades. Chegar àquele lúgubre edifício era ir por meus próprios pés ao suplício, a hora da saída era a libertação. Se tivesse possibilidade de escolha jamais voltaria a pisar no colégio. É uma recordação clara que nunca me abandona quando vejo um menino desvalido, Cigano ou não, pela rua. Também isto o devo a meus pais, que sabiam que o colégio era um inconveniente absolutamente necessário. Meus pais romperam radicalmente com os piedosos *Padres Píos Escolapios*. Recordo aquele colégio opressor e dou mil graças à sorte (à sorte que as Ciganas lêem) por nossa mudança ao bairro de *Albaycín*.

Meu novo bairro, no degradado casco antigo de Granada, é um exemplo de “melting pot” social e racial andaluz. O subúrbio e os ricos representados; muitos Ciganos, quase todos, com poucas exceções, bem assentados e respeitados. O *Colegio Público Gómez Moreno* respeitava a proporção e apresentava uma variedade de casos que me custou distinguir a princípio.

Até então eu tinha sido um Cigano num bairro de mauricinhos, e ao novo bairro chegava como um mauricinho num bairro de pobres. O melhor é que ali parecia que ser Cigano não importava a ninguém, eu estava em relação plena, não inferior, com o resto. Tanto foi assim que, no geral, entre minha condição de mauricinho e a de Cigano, meus companheiros preferiam repreender-me pela primeira. O esporte mais praticado era a briga. “Fazer-se respeitar”, nesse sentido tão primário, era a forma mais direta de adquirir auto-estima. Com esses meninos ciganos e não-ciganos, muito mais brutos que eu, juntei-me e senti-me feliz de conhecer a camaradagem. Não quis nunca brigar e nisso me respeitaram, ou talvez cedi eu, não importa. O que sim me lembro é a confusão que somou-se à minha experiência como Cigano. Nesse colégio Ciganos e *payos* se divertiam juntos, mas ao mesmo tempo quando Ciganos e *payos* tinham atritos sempre aparecia a maldita palavra como um insulto. A convivência era boa, mas ninguém esquecia quem era Cigano e quem não o era, e isto convertia-se num recurso de ataque em momentos de crise.

Minha crise chegou quando um colega perdeu sua lapiseira e algumas semanas depois eu cheguei com outra que era igual porque era o único modelo disponível no bairro – laranja e muito pesada, custava, na época, duzentas pesetas: para um menino, ter uma era um sinal de distinção. Acusou-me e utilizou o argumento cigano como prova irrefutável. Tive que ir com o Sr. Francisco, o professor, à papelaria da escola para que Antonio, o balconista, lhe confirmasse que eu acabava de comprá-la ali. Estava claro que ser Cigano era um problema onde quer que fosse, mas não em todos os lugares o problema era idêntico. Tudo dependia do domínio no qual a gente se movesse.

No novo colégio aprendi que a palavra Cigano pode servir para identificar e nomear uma aspiração. Um colega *payo* muito louro confessou-me que queria ser Cigano. Deixou-me desconcertado. Se nesse bairro *payos* e Ciganos conviviam juntos, dedicavam-se à mesma coisa, brigavam igual e em muitos casos nem sequer se podia averiguar quem era e quem não era Cigano, qual era a diferença? Perguntei-lhe e vagamente aludiu a um caráter independente, forte, livre e anárquico, propenso a criar sua própria lei e empurrado por sua natureza a levar uma vida de aventuras, caminhando alegre alheio aos limites do legal ... Aquilo acabou comigo ... O que me disse, obviamente, não era um insulto, era uma amostra de admiração. Compreendo que o herói do subúrbio é o delinqüente (o *Vaquilla*, o *Lute*, o *Cojo Manteca*<sup>6</sup> ... esse meu colega caiu na heroína e não voltei a saber mais dele), mas ver o mesmo estereótipo dos *Padres Escolapios* com uma valorização invertida ainda me assombra. Soube que para o comum dos mortais este bom amigo louro era mais Cigano que eu, e que este novo meu *Albaycín* era um bairro de Ciganos. Intuí de alguma maneira que a semântica é mais poderosa que os fatos, porque os fatos vivem na semântica. Aprendi então que aquele que tem um preconceito não o abandona ao perceber, por raciocínio lógico, sua injustiça carente de razão, e que o estereótipo não era somente uma imagem pervertida, mas toda uma ordenação do mundo. Sabemos, mas ainda não queremos acreditar, que o ser humano funciona basicamente através de preconceitos. Ao final o resultado é que quando escuto um *payo* pronunciar a palavra Cigano, com freqüência um aperto atenaza meu ventre.

Mas o assunto é ainda mais difícil, e tremendamente dramático: da mesma perversa maneira com que eu assumi a vergonha ontológica de ser Cigano por dizer cagar em vez de fazer cocô, conheci alguns Ciganos que assumem o estereótipo do Cigano e o cultivam como única forma de sobrevivência psicológica. Com esta bagagem conceptual do “Cigano”

---

<sup>6</sup> N.T.: Personagens reais conhecidos na Espanha como espécies de Robin Hoods modernos.

como o suburbano nunca estranho que alguém, de vez em quando, me diga que já não sou Cigano, que estou *apayao*. A ancestral definição pelo modo de vida que utilizaram os Reis Católicos para sua pragmática<sup>7</sup> (a ironia é cruel). Às vezes lhes dou razão pois, ao fim e ao cabo, é certo que não vivo no subúrbio. Outra vezes, quando cabe, digo, simplesmente, que sou um Cigano que está atualizado, que corro a favor dos tempos para poder ganhar melhor a vida. Que, como nossos ancestrais, me adapto o melhor possível ao ambiente e aproveito dele o que possa oferecer-me, como todos os seres humanos que existiram no mundo. Que trato de vencer as forças externas e internas, como a rejeição e o medo, que me empurram a isolar-me num reduto, numa reserva. Ao fim e ao cabo, poucos povos praticaram o sincretismo cultural como os Ciganos.

É preciso superar a rejeição, e esta vem do racista – utilizo a palavra em sua acepção mais ampla. Descobre-se antes se alguém é racista do que se é coxo. Basta perguntar-lhe como reconhece um Cigano ou, de outra forma, que características lhe levam à conclusão de que uma pessoa é Cigana. Eu, que não sou muito moreno nem uso o cabelo comprido, somente tenho que perguntar-lhe se ele crê que sou Cigano. Muitos dos submetidos a esta prova acabam dizendo-me o mesmo que o Cigano do qual falei antes: “Tu não és como os demais Ciganos”. Voltamos à horrível perversão da linguagem que estabelece o estereótipo. Este mesmo *payo* chama de Ciganos aos *payos* do subúrbio. Há uma fina ironia radicada em que ele, que ao dizer-me que não sou Cigano está tratando de salvar-me da fogueira, na realidade está me ofendendo.

Também quero desconfiar do chamado estereótipo positivo: um amante do flamenco quase chegou a convencer-me de que ter sangue cigano me confere uma facilidade inata para o ritmo e uma elegante distinção para a dança. Bastaram um poucos minutos de rumbas para que desistisse de sua pretensão. Adoraria ser capaz de comover a audiência com um canto flamenco, mas prefiro desenvolver outras capacidades em outros campos, ainda que em outros campos não esperem a presença de um Cigano (ou quiçá por essa mesma razão). Não desejo ser o sujeito de uma profecia que se auto-realiza.

---

<sup>7</sup> N.T.: Trata-se da primeira lei anti-cigana espanhola, determinada por Isabel e Fernando, em 1499. Ordenavam os Reis Católicos que, num prazo de 60 dias, os indivíduos de origem cigana encontrassem um ofício e um amo e não mais praticassem o nomadismo. A condenação para quem não cumprisse a ordem era de 100 chicotadas e desterro. Caso houvesse reincidência, ordenava-se corte de orelhas, 60 dias de prisão com correntes e desterro. Com nova reincidência, o culpado seria escravo de quem o capturasse (veja-se, por exemplo: SAN ROMÁN, Teresa. *La diferencia inquietante: viejas y nuevas estrategias culturales de los gitanos*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1997). Não obstante, o autor quer dar a entender, aqui, que o que se propunha e se propõe até hoje como alternativa para o “problema cigano” na Espanha - mas não exclusivamente neste país - é um processo de assimilação pelo qual os ciganos deixariam de sê-lo, ao serem obrigados, para serem aceitos, a abandonar seus valores culturais.



Peguei alguns amigos em contradição e é realmente doloroso. Amigos que superaram com facilidade a prova de amizade falharam na do preconceito. Isto cria contradições muito fortes que a gente mal chega a resolver. O que acontece se quem te aprecia como pessoa não te aceita como Cigano? Nunca pude negar-me uma amizade sincera e comprovada, mas também não pude evitar perguntar-lhes que fariam com o problema cigano se tivessem poder e mão livre. Alguns, afortunadamente muito poucos, já não são tão amigos. Mas, e os demais? Qual é o grau de racismo acima do qual é impossível a amizade? Não sei se há resposta; só trato de não isolar-me, não ceder à solidão, manter os contatos, fazer compreender que eu, como todos, sou reconhecível por muitas facetas que não são a de ser Cigano, e que ser Cigano não implica ter “por natureza” determinadas facetas. A meus *payos* mais próximos, quando cabe, permito-me explicar-lhes acerca do que minha experiência como Cigano me dita. Deixando de lado a falta de modéstia que possa implicar, creio um dever exercer este trabalho didático com eles, porque se não o faço eu, quem o fará? Aprendi que se o racismo pretende destruir os corpos, o preconceito destroça todas as mentes: as Ciganas e as *payas*. Resisto a abandonar meus amigos na mísera senda daquele que vive no preconceito. Servir de ponte é a função do mestiço.

### *Experiência para continuar vivendo*

George Steiner, maravilhoso judeu nascido na Áustria e emigrado antes do Holocausto, nos lembra que um termo nazista para os judeus era *Luftmensch*, homens do ar, sem raízes. Estou seguro de que o utilizariam também para os Ciganos, e em certo modo eu me sinto assim, porque não consigo desembaraçar-me da idéia de que pode chegar o momento no qual tenha que sair correndo, com a roupa do corpo e para não voltar. Não é melodrama, é que cada vez que alguém tenta convencer-me de que não existe a questão cigana lembro-me do Holocausto, e de *Martos*, e da Iugoslávia, e de *Valdemingómez*<sup>8</sup>, e de meu avô a ponto de ser condenado por roubar a si mesmo o seu próprio burro, e de meu pai, e morro de medo por meus ancestrais ... Mas há que sobrepor-se a toda esta destruição, sobreviver a ela e, se possível, subvertê-la, fazê-la o fundamento de um futuro esperançado.

Volto ao que disse no início. Creio, com a tibia fé que me dá uma curta experiência, que os Ciganos necessitamos (desculpem a vaidade, talvez seja só eu mesmo) exumar os cadáveres para ver-lhes a feia cara e

---

<sup>8</sup> N.T.: O autor está se referindo, como se sabe, a situações de perseguição e de extermínio da etnia cigana num passado mais remoto e mais próximo (*Martos* e *Valdemingómez* situam-se na Espanha).

afugentar os demônios das penalidades passadas, as vividas e as transmitidas. O necessitamos porque se o Cigano quer levantar a cabeça tem que enfrentar-se ao espanto da rejeição.

Então, a experiência, para quê? Para viver. Os dissabores que acarreta a experiência de ser Cigano podem converter-se numa carga ou no principal instrumento de sobrevivência. Podem desumanizar a vítima, mas podem também fundamentar as decisões por meio das quais tentamos alcançar uma vida melhor. É preciso considerar como certo o famoso aforismo de Nietzsche: “O que não me mata, me faz mais forte”. Mais forte para não deixar-me afetar pela agressão, mais forte para reivindicar o lugar que justamente me corresponde, com a confiança, a serenidade e a ponderação de quem se reconhece interiormente forte.

Mas uma experiência é uma pessoa, um enfoque que está pedindo contrastar-se com outras experiências que lhe sirvam para medir-se, dimensionar-se, para contextualizar-se e relativizar-se. A experiência isolada, a recordação sem contraste, converte-se em neurose, mais ainda se é memória da rejeição sofrida individualmente. As experiências devem, podem transcender e incorporar as experiências de outros, ver outros problemas, outras soluções às próprias questões, intuir modelos alternativos ... Não quisera deixar isto tão no ar que achassem que minhas palavras são apenas fumaça, mas não posso, aqui, estender-me mais. Baste-me propor a hipótese, plausível, de que comunicarmo-nos, contrastar nossa experiência como Ciganos, cara a cara e de viva voz, como o fizemos sempre, pode prevenir-nos de nossos peculiares infortúnios. A proposta adquire sua importância na medida que instituições que tradicionalmente serviram de marco para as relações entre Ciganos na prática desaparecem, ficando os contatos na contingência de um indivíduo cada vez mais atomizado.

Quiçá se possam ensaiar caminhos para isso. Quiçá tenhamos todos que fazer literatura, má ou boa, falar; encher de sentido, de calor humano, dar corpo e sangue ao conhecimento científico. Vocês me permitirão a esperança de haver contribuído, ainda que modestamente, com esta breve e meditada intervenção.

## 2. Renovando contratos de alteridade: comentários ao texto de José Heredia Moreno

Márcia Ondina Vieira Ferreira

### *Apresentação*

O texto de José Heredia apresenta o testemunho desse jovem cigano sobre o seu processo de aquisição de identidade étnica. Quando o li pela primeira vez, surpreendi-me com a facilidade de compreensão que, sobre o tema, o texto me trouxe. Na verdade, o fato de ser uma narrativa autobiográfica permite, como nos diz o próprio autor, que acompanhem de uma forma não exclusivamente teórica, que conheçamos empiricamente e, talvez mais do que isso, que vivenciemos no plano emocional, as idéias que ele desenvolve. Por outro lado, ainda que o autor se precavenha ao não considerar *científico* o seu escrito, cabe destacar que o uso desse tipo de narrativa vem sendo bastante valorizado nas análises sociais, em especial no campo da pesquisa educativa.

Minha pretensão, com esses comentários ao texto, é apresentar dois tipos de esclarecimento. O primeiro deles se dirige a evocar conceitos que permitam ao/à leitor/a acompanhar, teoricamente, abordagens sobre a questão da produção de identidades e diferenças. A escola, nosso objeto de estudo, será citada como um dos *locus* onde ocorre esse processo. O segundo esclarecimento vai na linha de tentar dar conta de algumas realidades da vida cigana não conhecidas pelo/a leitor/a.

Para efeitos desse pequeno ensaio, algumas das questões abordadas pela literatura que atualmente trata do tema da identidade serão colocadas entre parênteses; outras serão utilizadas como categorias de análise.

### *Percorrendo a base argumentativa do autor*

José articula sua narrativa usando duas referências. Por meio da primeira ele tenta esclarecer que tanto sua situação sócioeconômica quanto sua trajetória escolar diferem da realidade dos ciganos no contexto europeu, mais especificamente na Espanha. Nesse país, a maioria dos ciganos vive em estado de pobreza<sup>9</sup>, em submoradias nas regiões desfavorecidas das

---

<sup>9</sup> Para maiores dados, consulte-se: FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. Diferenças culturais e desigualdades educativas: o caso da minoria étnica cigana na Espanha. In: \_\_\_\_\_ & GUGLIANO, Alfredo Alejandro, org. *Fragmentos da globalização na educação; uma perspectiva comparada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 227-239.

grandes cidades. A grande maioria dos adultos é analfabeta; os jovens e crianças vêm sendo oficialmente escolarizados só a partir de 1987, sendo que ainda hoje subsistem, entre esses, altos graus de evasão e repetência na escola. A cultura da escola está bastante distante dos valores culturais dos ciganos, e só muito recentemente<sup>10</sup> alguns deles vêm percebendo que aquela instituição tem alguma contribuição a dar-lhes; mas, até para esses, usando o jargão sociológico, seu interesse na mesma é estritamente instrumental.

Em relação, então, a esses aspectos, nada aproxima José do estereótipo cigano, e ele tampouco poderia ser identificado por alguma (suposta) característica fenotípica ou forma de expressão exterior (o uso de cabelos compridos, por exemplo).

O que ele quer nos dizer, com essa introdução, é que a utilização de marcadores antropológicos tradicionais (atentos aos “conteúdos” e símbolos culturais), bem como de variáveis macro-sociológicas, seria ineficaz para determinar sua identidade étnica.

Logo, por meio da segunda referência, o autor tenta demonstrar que essa identidade foi construída e, mais especialmente, *produzida do exterior para o seu interior*. Nesse processo de produção, a experiência escolar teve peso fundamental.

### ***Identidades e diferenças. O lar e a escola***

Em sua vivência, são dois os espaços onde José é *exposto* à sua identidade. A primeira aproximação dá-se por meio do contato com seu avô. Com ele, mesmo sem saber em que consistia ser cigano, sentia a satisfação que provocava nessa pessoa que amava a simples afirmação dessa identidade. Não obstante, quando começa sua vida escolar, é surpreendido com as dificuldades de ser “cigano”, e há uma inversão total na valorização de sua suposta identidade: percebe que, para seus colegas e professores, ser cigano era algo ruim. Por um lado, é culpado de pecados que nem imagina quais sejam; por outro, e como consequência disso, fecha-se em si mesmo naquele espaço, e proclama sua identidade no plano privado: seu lar.

Sob esta ótica, pode-se dizer que ele foi levado, para poder sobreviver emocionalmente, a assumir uma identidade e a estabelecer diferenças: *"cada vez que me ocorre algo disso eu assino e renovo um contrato de alteridade com os 'senhores' que me desprezam. Este*

---

<sup>10</sup> FERREIRA, M. O. V. *Educación compensatoria: políticas educativas, discursos y prácticas pedagógicas cotidianas en la escolarización del alumnado gitano - fabricando la desigualdad* (Madrid, 1993/1995). Salamanca: Departamento de Sociología/Universidad de Salamanca, 1997. (Tesis Doctoral); Idem. Identidade étnica, condição marginal e papel da educação escolar na perspectiva dos ciganos espanhóis. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 11, p. 46-60, maio/ago.1999.

*compromisso com o exílio que adotei por ser Cigano, num macabro círculo vicioso, inspira uma desconfiança visceral por parte de muitos".*

É preciso, aqui, chamar a atenção sob um aspecto: José está ciente de que sua identificação como cigano, na escola, principia por meio das palavras e seus significados, significados que vivem nelas; mas, como diz Tomaz Tadeu da SILVA<sup>11</sup>, "a linguagem vacila ..."

### ***As identidades e as diferenças são construídas pelos/nos discursos***

Em virtude de sua origem étnica centenária, José poderia aferrar-se ao essencialismo dos conteúdos culturais de sua gente. Contudo, não é isso que faz, apresentando uma abordagem semelhante a dos pós-estruturalistas: "*Intuí de alguma maneira que a semântica é mais poderosa que os fatos, porque os fatos vivem na semântica*". Ele resgata a construção cultural das identidades e das diferenças, percebe que foi levado, alçado a uma determinada identidade, mas igualmente percebe que seu(s) significado(s) é (são) fluidos e depende(m) de quem o(s) enuncia(m): os *payos* ou os próprios ciganos.

De fato, como vêm nos ensinando vários teóricos, as identidades não são fixas ou imutáveis. Numa abordagem antropológica que muito me agrada, Fredrik BARTH<sup>12</sup> diferencia os conteúdos culturais da identidade cultural. Os conteúdos são os signos da identidade, mas vão se modificando no transcorrer do tempo, conforme as necessidades advindas dos contatos humanos. Na verdade, o interessante, a partir dessa perspectiva, não é procurar uma essência que estaria subjacente às identidades, e sim examinar como ocorre a manutenção ou modificação das mesmas a partir do interagir de distintos grupos.

Naturalmente - talvez devêssemos evitar esse tipo de palavra -, do ponto de vista das relações sociais a questão central sobre a formação de diferenças está no fato de que essa formação pode implicar em tornar sua própria identidade um signo de superioridade em relação a outras<sup>13</sup>. Por isso, afirma, SILVA, "quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade"<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_, (org). *Identidade e diferença*; a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

<sup>12</sup> BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998. p. 185-227.

<sup>13</sup> Já dizia WEBER, tratando da identidade étnica, que a "honra étnica" é alimentada pela "convicção da excelência dos próprios costumes e da inferioridade dos alheios". WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3.ed. Brasília: UnB, 1994. v. 1. p. 272 .

<sup>14</sup> *Op. cit.*, p. 91.

Examinemos com mais atenção este ponto. Estamos tratando, aqui, de *relações* de poder. Tomemos o caso dos ciganos para abordar com mais propriedade este aspecto. Quando grupos nômades diferenciados, provenientes da Índia, começaram a chegar, em sucessivas levadas, a países da Europa na segunda metade do século XIV, apresentavam formas de organização, comportamento grupal, valores, idioma, forma de vestir, diferentes das comunidades assentadas. Se nos primeiros anos desde sua chegada foram bem recebidos em vários países daquele continente, a seguir, sua forma distinta de comportamento vem a incidir diretamente contra a necessidade de organização dos territórios para a constituição dos Estados modernos. Aquilo, então, que é a forma externa de manifestar a identidade de um grupo, torna-se, para o grupo majoritário, sinal de uma "diferença inquietante"<sup>15</sup>. A história nos relata que a perseguição contra os ciganos buscava impedir a manifestação de sua identidade/diferença<sup>16</sup>.

Temos como compreender, com esses elementos, três fenômenos articulados: (1) o que é diferença para uns é identidade para outros; (2) o uso que se pode fazer dos marcadores da identidade/diferença como mecanismos de poder; e, mais interessante ainda, (3) que esses marcadores são fruto das duas comunidades, a majoritária e a minoritária, que lhe conferem significados diferentes conforme os interesses em jogo.

Me explico. Os ciganos foram acusados, por exemplo, de bruxaria, de roubo de crianças, de utilizarem um jargão com objetivo de não serem compreendidos pela comunidade majoritária, de serem capazes de inebriar as populações com suas capacidades artísticas. Isso lhes conferia, por um lado, um certo atrativo mágico. Por outro, serviu de objeto de perseguição por sua independência das normatizações, como perigo aos poderes dominantes. Mas um terceiro aspecto é mais crucial ainda: os ciganos *valeram-se* deste imaginário com a intenção de sobreviver, ou seja, transformaram o objeto de sua perseguição em elemento de seu próprio poder. E incorporaram, quando necessário, aspectos da cultura majoritária à sua própria.

Identidade e diferença, assim, são produzidas por um mesmo processo, e a partir do discurso. E isso nosso autor, José Heredia, o percebe, e reclama que só esperem dele comportamentos atribuídos ao estereótipo cigano. Para o leitor, sugiro procurar, em qualquer dicionário, os significados dados à palavra *cigano*.

---

<sup>15</sup> Retiro esse magnífico termo de: SAN ROMÁN, Teresa. *La diferencia inquietante*; viejas y nuevas estrategias culturales de los gitanos. Madrid: Siglo Veintiuno, 1997.

<sup>16</sup> Veja-se, entre outras, a obra: LIÉGEOIS, Jean-Pierre. *Los gitanos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988. Conforme, também, nota número 7 do texto de José Heredia Moreno.

### ***Racismo, preconceitos e poder***

Entretanto, é preciso não obscurecer o fato de que, nesse jogo de poder e sobrevivência, do ponto de vista social determinados grupos estão em posição desvantajosa, chegando a situações de desigualdade. Para abordar esse assunto, José continua utilizando a categoria da produção "vacilante" de significados para tratar dos estereótipos presentes nos discursos racistas, que ao procurar um significante terminam por enjaular o que não pode ser retido. Mas ele percebe que há perigo - de morte, e/ou cultural - por trás do estigma, e por isso apela à necessidade de discussão e enfrentamento político daquilo que é construído no discurso racista. *Questão cigana e problema cigano* recebem significado quando o discurso da diferença alcança o nível do preconceito. Caso contrário não existiriam. Isto é: fica difícil de entender qual é o substantivo e qual o adjetivo.

Agora, mesmo que concorde com o autor que é preciso enfrentar a questão política das diferenças, não posso deixar de levantar uma dificuldade: como possibilitar o reconhecimento do direito à diferença entre quem possui linguagens diferentes? Seria necessário voltar a um discurso universal para admitir a legitimidade das diferenças? Mas seria isso, efetivamente, possível?<sup>17</sup>.

### ***A identidade em crise***

Por fim, o autor menciona, brevemente, um aspecto que merece ser comentado: a crise de identidade, que também afeta a etnia cigana: "*instituições que tradicionalmente serviram de marco para as relações entre Ciganos na prática desaparecem, ficando os contatos na contingência de um indivíduo cada vez mais atomizado*".

Hoje em dia esse tema vem sendo bastante abordado. Entretanto, o que me chama mais atenção não é o aspecto da *crise das identidades*, como se essas fossem evidentes, cristalizadas e assentadas em vários locais e momentos da história da humanidade e, repentinamente, passassem a ser questionadas. Na verdade, o que se destaca, para mim, é que nunca as *diferenças* foram tão perceptíveis quanto hoje. Em outro local<sup>18</sup>, já escrevi:

"(...) que a globalização torna problema aquilo que anteriormente não era visível aos olhos dos países desenvolvidos: que a divisão geográfico-política do mundo, por eles realizada, traria à tona conflitos étnico-raciais não apenas dentro das antigas colônias ou

<sup>17</sup> Veja-se MARTUCCELLI, Danilo. As contradições políticas do multiculturalismo. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 2, p. 18-32, maio/ago. 1996.

<sup>18</sup> FERREIRA, 2000, *op. cit.*, p. 238.

dos ex-países comunistas, mas também dentro de seus próprios Estados, quando têm de fazer frente a grandes levas de imigrantes em busca de melhores condições de vida".

Sobre isso, Danilo MARTUCCELLI<sup>19</sup> afirma que

"unicamente às 'margens' do sistema mundial é que o problema identitário perturbou verdadeiramente a universalidade do jogo democrático. Desse ponto de vista, pode-se entender o multiculturalismo como a importação para os países 'centrais' do antigo dilema identitário das 'minorias' colonizadas".

Neste sentido, o que ocorre hoje é a visibilidade de situações conflituosas que, antes, não adquiriam a conotação de problema (como o *problema cigano*), porque o discurso universalista a tudo buscava subsumir. Somente quem acredita no essencialismo identitário poderia surpreender-se com identidades em crise: se não são imutáveis, se provêm das interações, se são resultado de processos, como esperar que não estejam, freqüentemente, em crise?

Deveríamos, então, saudar a crise. E lembrar, sempre, que identidade e diferença são faces da mesma moeda:

"Querem matar os ciganos, e como fracassam, seguem insistindo com redobrado vigor. Mas é bom que não o consigam, porque são os ciganos quem os mantêm vivos. Eles não sabem, mas quando eu não existir, eles morrerão. Sim, claro, seguirão passeando em suas lindas pequenas cidades anti-sépticas ainda umas centenas de anos antes de compreendê-lo, mas praticamente já estarão mortos"<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> *Op. cit.*, p. 19.

<sup>20</sup> Norman SPINRAD, *The last of the Romany*, apud LIÉGEOIS, *op. cit.*, p. 7-8.